

Desenvolvimentos e perspectivas da teoria relacional nas ciências sociais

Developments and perspectives of relational theory in the social sciences

Yuri Elias Gaspar

<https://orcid.org/0000-0002-4217-4848>

Roberta Vasconcelos Leite

<https://orcid.org/0000-0003-3110-0509>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Brasil

Donati, P. (Org.). (2022). *La teoria relazionale nelle scienze sociali: sviluppi e prospettive*. Bologna, Italia: Il Mulino.

Quais contribuições a obra *La teoria relazionale nelle scienze sociali: sviluppi e prospettive*, recentemente organizada por Pierpaolo Donati (2022), pode trazer para a psicologia brasileira?¹

Desde seus primórdios é fundamental para a psicologia em geral – e para a psicologia social em particular – empreender diálogos com as teorias sociais. A missão de compreender a pessoa inserida em seu contexto não pode prescindir dos aportes oferecidos pela sociologia, essa ciência-irmã que continuamente se confronta com o dualismo indivíduo–sociedade e busca sua superação. Nas últimas décadas, uma nova abordagem ganha a cena internacional com a promessa de resolução deste e de tantos outros dualismos que permeiam os debates teórico-metodológicos das ciências sociais e psicológicas: a perspectiva relacional (Moreno Barreneche, 2020).

O chamado “giro relacional” ou “virada relacional” (*relational shift*) nas ciências sociais se apresenta como esforço de releitura dos autores clássicos de várias disciplinas numa perspectiva relacional e como fundação de novas formas de compreender a realidade social em sua complexidade tomando a relação como sua base (Forni & Castronuovo, 2022). Tem como marcos inaugurais duas publicações de Pierpaolo Donati: *Introduzione alla sociologia relazionale* (Donati, 1983) e *Teoria relazionale della società* (Donati, 1991), embora seja mais

¹ O presente texto compõe a pesquisa de pós-doutorado que os autores atualmente desenvolvem na Università degli Studi di Bologna e no Centro Italiano de Ricerche Fenomenologiche.



comum a referência ao *Manifesto for a relational sociology* de Mustafa Emirbayer (1997). Opondo-se tanto às abordagens holistas quanto às individualistas, esse movimento afirma a primazia das relações: todas as instituições, redes, campos, estruturas, sistemas emergem do complexo relacional (Vandenberghe, 2017). Em suma: “*a sociedade é relação, não é um espaço-tempo no qual emergem as relações, (...) não tem, mas é relações*” (Donati, 2022, p. 8, tradução nossa, itálicos do autor).

Como frequentemente acontece nas teorias sociais, a perspectiva relacional agrega uma polifonia de vozes que não compartilham um quadro teórico-metodológico unificado, como refletem as dissonâncias em torno da identificação de seus marcos inaugurais (as publicações de Donati ou o manifesto de Emirbayer). Para Vandenberghe (2017), o campo atualmente é marcado por tensões entre um pólo relacional-estrutural e outro interacionista-processual, ou, nos termos de Donati (2015), entre “realistas relacionais” e “relacionistas processuais”. Esse tensionamento explicita a importância de adentrar o campo compreendendo os fundamentos nos quais se ancoram cada uma das teorias que se aglutinam sob a bandeira da perspectiva relacional.

Nesse sentido, a leitura da obra aqui resenhada se apresenta como inestimável. Ela foi organizada por ocasião dos 30 anos da publicação de *Teoria relazionale della società* (Donati, 1991) que, para seu autor, marcou a transformação da incipiente sociologia relacional em uma verdadeira “teoria da sociedade” com seu próprio paradigma, metodologias e técnicas específicas que permitem a formulação de teorias contextuais. Três décadas depois, Donati (2022) reúne neste volume sociólogos que compõem sua escola com um objetivo muito claro: “mostrar as diferenças entre a sociologia relacional expressa na forma de ‘teoria relacional da sociedade’ e as sociologias ditas relacionais que se inspiram no relacionismo” (p. 13, tradução nossa).

Quem, afinal, é Pierpaolo Donati? Italiano, nascido em 1946, Donati é autor de mais de 800 publicações, entre livros e artigos, com traduções para o inglês, alemão, espanhol, chinês, russo, português. Professor emérito de Sociologia da Università degli Studi di Bologna (Itália), foi reconhecido como doutor *Honoris Causa* pela Pontifícia Università Lateranense di Roma (Itália) e pela Universidade Internacional da Catalunha (Espanha). Foi presidente da Associação Italiana de Sociologia, membro do Instituto Internacional de Sociologia e da Comissão Nacional Italiana para a UNESCO (Fornasier, 2018). Atualmente, preside o Centro di Sociologia Relazionale PROS-TI. Como já assinalamos, sua vida e obra são dedicadas à refundação das ciências sociais a partir da perspectiva relacional. Nesse percurso, desenvolveu sólidas parcerias – dentre as quais se



destaca a incorporação em sua teoria das contribuições da socióloga britânica Margaret Archer – bem como trabalhos seminais sobre temas tão diversos quanto as sociologias da família (Donati, 1986, 2008a), da saúde (Donati, 1994) e do trabalho (Donati, 2001); terceiro setor (Donati, 1996); cidadania e políticas sociais (Donati, 1999); multiculturalismo e interculturalidade (Donati, 2008b); reflexividade relacional (Donati, 2011); cibernética e virtualização da realidade (Donati, 2019); dentre tantos outros.

Desde seus primeiros trabalhos, esforça-se por demarcar os contornos da sociologia relacional e, a partir do confronto com a chamada Escola de Nova York, vem se dedicando arduamente à defesa de que a teoria relacional da sociedade se fundamente em uma ontologia estratificada, com inspiração no realismo crítico de Roy Bhaskar² (Donati, 2015). No volume ora apresentado, o debate é suscitado sobretudo a partir da publicação de *The Palgrave handbook of relational sociology*, compêndio organizado por François Dépelteau (2018), sociólogo canadense que desponta no cenário internacional como expoente do polo interacionista-processual da sociologia relacional (Vandenberghe, 2017). Em *La teoria relazionale...* Donati (2022) orquestra vozes que, com refinado rigor analítico, debruçam-se sobre ensaios publicados em *The Palgrave handbook...* com vistas a explicitar os fundamentos das propostas ali apresentadas e realizar um confronto com a fundamentação realista e certos conceitos chave da teoria relacional da sociedade de matriz italiana. Vejamos como essa sinfonia se desenvolve ao longo da obra.

Na Introdução, Donati realiza um breve histórico da sociologia relacional, recuperando os pressupostos ontológicos e epistemológicos de sua teoria, bem como delineando como se deu a “explosão” de variadas sociologias relacionais a partir da publicação do manifesto de Emirbayer (1997). Para o autor, a partir de tal explosão, em âmbito internacional a sociologia relacional torna-se cada vez mais relacionista dado que caminha na direção do pragmatismo relativista que exalta o caráter de fluxo e de transação das relações. Como consequência, se distancia do realismo crítico relacional por ele adotado e a proposta do livro é justamente mostrar a fecundidade da teoria relacional que se distingue do relacionismo.

A seguir, na primeira parte do livro, os fundamentos ontológicos e epistemológicos da teoria relacional são discutidos em 6 capítulos.

No primeiro, Donati defende a importância da teoria sociológica realista, que reconhece que os fatos sociais possuem consistência, ainda que não sejam

² Para uma apresentação abrangente das várias fases da obra de Bhaskar e sua recepção nas ciências sociais, ver Vandenberghe (2014).



vistos ou descritos. Como Ihe é peculiar, recorre a uma representação gráfica para explicar didaticamente seu chamado à passagem do triângulo epistêmico (observador-cultura-realidade observada) ao quadrado epistêmico (que inclui o polo da realidade ontológica latente). Assumir a perspectiva do realismo crítico relacional implica em reconhecer que a realidade social é estratificada: não se reduz ao que podemos experimentar e mensurar, pois possui seus próprios mecanismos generativos subjacentes em domínios não observáveis.

Abraçar tal “ontologia profunda” contraria a forte tendência construcionista e pragmatista que, dominando as ciências sociais na virada do século XX ao XXI, opta claramente por uma ontologia plana (ou por ser ontologicamente muda) abrindo caminho para modificações do real marcadas pela manipulação arbitrária e pela virtualização. Para Donati, ao invés, a mirada realista relacional reconhece que os entes existentes possuem certas potencialidades que podem ou não ser explicitadas no jogo das relações sociais e busca contribuir para o futuro por meio de uma utopia concreta, baseada no desenvolvimento de tais potencialidades.

O autor avança no capítulo realizando diálogos com a obra de Archer e buscando delinear os aspectos particularmente fortes da teoria relacional, bem como aqueles que merecem maiores aprofundamentos. Debruça-se ainda sobre o tema da identidade da pessoa humana segundo a perspectiva realista relacional, clarificando como a pessoa é ao mesmo tempo imanente e transcendente às relações que a constituem e pode se tornar “sujeito relacional” a partir do exercício de sua reflexividade relacional. Conclui, enfim, sintetizando porque vale a pena aderir à teoria sociológica do realismo crítico, decisão que significa cultivar a razão relacional que “nos faz agir em direção a coisas melhores. Melhores porque têm no coração a dignidade do humano” (Donati, 2022, p. 59, tradução nossa).

No capítulo II, Sérgio Belardinelli (Università degli Studi di Bologna) analisa criticamente três perspectivas ditas relacionais apresentadas no compêndio organizado por Dépelteau (2018): a primeira inspirada em Dewey (desenvolvida por Osmo Kivinen e Tero Piiroinen), a segunda em Deleuze (descrita por Peter Lenco) e a terceira em Latour (realizada por Christian Papilloud). Ao se ocupar das elaborações de Kivinen e Piiroinen, Belardinelli evidencia as críticas que os autores realizam às sociologias que se ancoram em fundamentos ontológico-metafísicos e apresenta a perspectiva por eles adotada, denominada “filosofia sociologizante”, baseada no relacionismo pragmático evolucionista de Dewey. Problematizando a escolha dos autores por essa premissa que, em tese, abdica de uma discussão ontológica, ele demonstra como a ideia da interação contínua



entre mente humana e ambiente sócio-cultural não é capaz de explicar tudo aquilo que é humano como, por exemplo, o desenvolvimento da linguagem. Já a perspectiva de Deleuze descrita por Lenco, esta pode ser definida como uma ontologia imanentista por propor o mundo social como “pura relação”, cadeia infinita, fluida e indeterminada de relações que se diferenciam continuamente. Belardinelli questiona o lugar da intencionalidade nesse processo, evidenciando como é preciso se ocupar das condições que tornam as relações possíveis. Em relação à sociologia relacional de Latour apresentada por Papilloud, ele se debruça sobre o conceito de associação, destacando os princípios de simetria e assimetria que o constituem, e evidenciando como o mesmo, para os referidos autores, seria a base relacional da sociedade. Após a reflexão crítica e muito bem fundamentada das três perspectivas, Belardinelli conclui o capítulo evidenciando como elas, embora distintas, têm um ponto em comum: a hostilidade à ontologia realista e às invariantes estruturais do social. Retomando as contribuições de Donati, problematiza as diferenças entre o relacionismo e a perspectiva realista relacional para, por fim, trazer uma provocação interessante: “se a estrutura também flui, como fazemos para perceber qualquer tipo de mudança”? (p. 76, tradução nossa).

No capítulo III, Ivo Colozzi (Università degli Studi di Bologna) realiza um confronto entre a sociologia processual-relacional de Dépelteau e a teoria relacional da sociedade de Donati. Inicia apresentando as críticas tecidas por Dépelteau a Donati (particularmente a noção de realidade social estratificada), bem como as linhas gerais da sociologia relacional que aquele propõe como superação dos limites que identifica na teoria deste. A seguir, de modo similar, descreve as críticas de Dépelteau à abordagem morfogenética de Archer (tida pelo canadense como co-determinista) e suas propostas de superação, que passam por explicar os fenômenos sociais sem nenhuma relação causal entre estrutura e ação. Colozzi passa a demonstrar como a sociologia de Dépelteau fundamenta-se ontológica e epistemologicamente na filosofia pragmatista de Dewey, o que resulta que tenha que lidar com as já consolidadas críticas a essa perspectiva. Para citar apenas uma, se em Dewey só é verdadeiro o que é útil/promove o desenvolvimento, quem decide o que é útil ou qual é a meta do desenvolvimento? As “complicações inúteis” da perspectiva realista relacional abraçada por Donati e Archer reaparecem como evidentemente pertinentes diante das questões às quais o pragmatismo defendido por Dépelteau não consegue responder. Numa rápida conclusão, Colozzi menciona ainda os atuais desdobramentos em torno do conceito de emergência, que se apresentam como



mais um ponto que evidencia como a abordagem donatiana da sociologia relacional é superior àquela de Dépelteau.

No capítulo IV, Michela Bella e Fabio Ferrucci (ambos da Università degli Studi del Molise) questionam a possibilidade de diálogo entre a sociologia relacional de Donati e o pragmatismo de George H. Mead. Para tanto, debruçam-se sobre as elaborações contidas em dois capítulos do compêndio de Dépelteau (um escrito por Jean-François Côté e outro por Ian Burkitt) para demonstrar tanto as insuficiências da visão pragmatista quanto as potencialidades de um confronto entre tal visão e a sociologia relacional, sobretudo no que se refere à leitura relacional da comunicação e do binômio agencialidade-reflexividade. Bella e Ferrucci retomam o pensamento de Mead evidenciando que a constituição social do self não exclui sua capacidade criativa de transformar autonomamente o mundo. E isso é possível em função da comunicação, compreendida como mediação simbólica e dialética. Tal juízo, para Côté, aproximaria Mead de Donati. No entanto, para Bella e Ferrucci, embora frutífera, há ainda algumas lacunas do pensamento Mediano que precisam de uma maior articulação como, por exemplo, a passagem da dimensão biológica à propriamente linguística. Sobre a questão do *agency*, os autores reconhecem um diálogo interessante entre Donati e Mead (tal como defendido por Burkitt) a partir de dois pontos: a sociedade como somatório das inter-relações entre indivíduos e a ação humana como incorporada em ambientes sociais e redes contextuais. Não obstante os pontos de aproximação, Bella e Ferrucci descrevem diferenças importantes entre o pragmatismo Meadiano, sobretudo quando este se ancora no construcionismo relativista, e a sociologia relacional realista de Donati. O que, para os autores, não impede que haja um rico diálogo entre as perspectivas.

No capítulo V, Davide Ruggieri (Università degli Studi di Bologna) discute a coerência interna e os principais aspectos teóricos, metodológicos e epistemológicos da sociologia relacionista de Papilloud, tomando como ponto de partida sua obra *Sociology through relation: theoretical assessments from the French tradition*, bem como quatro capítulos de sua autoria publicados no já citado *The Palgrave handbook...* Após apresentar a trajetória do autor, Ruggieri discorre sobre o horizonte teórico no qual Papilloud situa sua compreensão das relações como fenômeno central da sociedade, bem como apresenta seus posicionamentos críticos à Escola de Nova York e à perspectiva relacional-reflexiva de Donati e Archer. O próximo passo do capítulo é a discussão sobre a apropriação redutiva que Papilloud realiza da obra de Georg Simmel, lendo-o como relativista, enquanto Ruggieri demonstra com passagens do próprio Simmel que para este a sociologia deve se ocupar das formas por meio das quais



as interações processuais se estruturam. A seguir, o autor apresenta as interpretações que Papilloud realiza sobre o pensamento de Pierre Bourdieu, Marcel Mauss, Serge Latouche e Bruno Latour. A partir dos debates contemporâneos em torno da obra deste último autor, Ruggieri reflete sobre o atual cenário em que as tecnologias digitais sempre mais penetrantes e invasivas impõem questionamentos sobre os limites entre humano e não humano, defendendo a crítica relacional que Donati propõe às ideologias pós-humanistas e transumanistas. Conclui enumerando as dúvidas que emergem de propostas teóricas como a de Papilloud e afirmando ser tarefa da sociologia relacional insistir na necessidade e utilidade de categorias como relação, diferença, transcendência e alteridade.

No capítulo VI, Sandro Stanzani (Università degli Studi di Verona) compara diversas perspectivas da sociologia relacional no que se refere à questão ontológica de uma possível substância da relação social. Nesse percurso, num primeiro momento analisa criticamente duas perspectivas que se auto-definem como “radicais” ou “puras” (Dépelteau e Jan Fuhse) por tomarem a relação social, cada qual a seu modo, como cadeia de relações, processos sem estrutura pré-determinada. No entanto, segundo o autor, permanece em aberto a questão de como apreender as cadeias de eventos sociais enquanto estruturas relacionais continuamente geradas (e não pré-determinadas). Ele apresenta então as contribuições de Luhmann sobre o tema a partir do conceito de comunicação (ou mais especificamente dos meios simbólicos de comunicação), que seria a base explicativa que permitiria colher as relações enquanto fluxo contínuo e provisório. Reconhecendo o avanço do conceito de comunicação luhmanniano, Stanzani indica como esse conceito não é capaz de explicar a pró-sociabilidade e apresenta a proposta de Bourdieu para responder a essa questão a partir da tematização do conceito de capital simbólico. No entanto, afirma que Bourdieu, ao compreender a pró-sociabilidade segundo a lógica da dominação, cria uma certa forma de determinismo social. A saída mais adequada para essa problemática é, segundo Stanzani, adotar uma sociologia relacional “profunda”, tal como proposta por Donati que, ao mesmo tempo em que reconhece a relação como o fundamento do social, apreende a realidade não material, *sui generis*, que a constitui sem cair no determinismo. Em síntese, a relação social deve ser definida como fenômeno emergente, constituído de uma combinação conjunta de aspectos da autonomia individual (*re-fero*) e do vínculo recíproco (*re-ligo*), o que permite compreender os fenômenos sociais sem perder sua capacidade heurística.



Na segunda parte da obra, 6 capítulos apresentam debates sobre a metodologia relacional e pesquisas aplicadas.

No capítulo VII, Luigi Tronca (Università degli Studi di Verona) discorre sobre aproximações entre a teoria relacional da sociedade e a análise de redes sociais (*Social Network Analysis*), identificando algumas características desta que a qualificam como perspectiva de pesquisa social profundamente relacional, com fundamentação ontológica no realismo crítico. Tronca defende, do ponto de vista metodológico, a combinação de ambas perspectivas como possibilidade para analisar, a um só tempo, os conteúdos das relações - entre sujeitos individuais ou coletivos - e as formas das redes geradas pelas interconexões entre elas, sem incorrer em resultados relacionistas ou formalistas. Para aprofundar o tema relativo ao nexo entre estrutura e *agency*, o autor propõe por fim uma análise relacional da reflexividade das redes sociais, evidenciando mais uma potencialidade da articulação entre teoria relacional da sociedade e análise de redes sociais: a possibilidade de identificar empiricamente fenômenos emergentes da conexão entre reflexividade pessoal e redes de pertencimento.

No capítulo VIII, Lucia Boccacin (Università Cattolica di Milano) apresenta observações sobre o conceito de reciprocidade no debate entre teorias relacionistas e as relacionais, alertando sobre os riscos de que o “simples” se torne “plano”. Primeiramente, apresenta brevemente o conceito de reciprocidade tal como definido por David Toews e Papilloud, evidenciando os limites de suas elaborações. Em seguida, busca operacionalizar o conceito de reciprocidade à luz da teoria relacional de Donati por meio de uma interessante pesquisa qualitativa por ela desenvolvida sobre como algumas associações religiosas italianas que acolhem imigrantes compreendem o próprio trabalho. Em síntese, Boccacin compreende reciprocidade, segundo o esquema AGIL largamente desenvolvido por Donati, como efeito emergente que cria bens relacionais a partir de relações interpessoais (A) ancoradas numa atenção ao outro (L) que, ao longo do tempo (I), cria vínculos de confiança (G), permitindo assim uma acolhida efetivamente humana dos imigrantes. Contrapondo-se à leitura “plana” de Toews, a autora conclui afirmando como a perspectiva donatiana permite uma leitura realmente relacional que não reduz a complexidade do fenômeno em análise.

No capítulo IX, Pier Paolo Bellini (Università degli Studi del Molise) delinea aspectos chave para uma abordagem relacional da experiência musical. Para tanto, parte da reconstrução sintética de contribuições do sociólogo Nick Crossley - presentes em seu capítulo publicado em *The Palgrave handbook...* - sobre as definições de público, intermediários, redes de interdependência, gosto e interações sistêmicas. A seguir, para aprofundar aspectos apenas acenados por

Crossley de modo a favorecer uma compreensão plena da relacionalidade musical, identifica nós semânticos (como a inadequada sobreposição entre relação e interação) e defende a importância de uma incursão mais rigorosa à produção de Alfred Schütz acerca do tema da música em perspectiva sociológica. Bellini realiza essa incursão discutindo pontos cruciais do pensamento de Schütz - como as raízes da interação social, o fluxo de consciência, as dimensões do tempo interior e exterior e o conceito de *we-relation* - e buscando em suas considerações finais apontar as questões que se abrem para a sociologia da música numa perspectiva relacional.

No capítulo X, Giovanna Rossi (Università Cattolica di Milano) debate brevemente perspectivas de gênero e *ecological thinking* tomando como referência o artigo de Andrea Doucet contido no compêndio de Dépelteau (2018). Primeiramente apresenta as críticas da autora a algumas epistemologias feministas, considerando-as superadas em função da chamada perspectiva do *ecological thinking*, que ressalta a importância da reflexão crítica (difração) que convida os sujeitos a se empenharem e se responsabilizarem enquanto cidadãos inseridos em um ambiente ecológico. Rossi avalia criticamente tal proposta de Doucet a partir das contribuições de Donati sobre o que significa “ser humano” na pós-modernidade. Ancorando-se nestas contribuições, apresenta uma nova perspectiva relacional do feminismo, intitulada “neofeminismo da dignidade”. Nesta perspectiva, “a identidade é definida através e com a relação, não como negação dialética, mas sim como relacionamento com a alteridade” (p. 287, tradução nossa), que requer reconhecimento e trocas mútuas, de modo a afirmar a dignidade humana. A autora destaca, por fim, como o neofeminismo da dignidade introduz um novo ponto de reflexão sobre o tema, contribuindo para o amadurecimento do percurso do pensamento feminista.

No capítulo XI, Paolo Terenzi (Università degli Studi di Bologna) debate a abordagem relacional de Scott Eacott, estudioso australiano que desponta no panorama sociológico internacional em virtude de suas pesquisas sobre os processos educativos, culturas organizacionais e lideranças nas instituições escolares. Contemplando a nova perspectiva “relacional” que está emergindo em seu campo de pesquisas, o ensaio publicado por este autor em em *The Palgrave handbook...* realiza um exame crítico de 243 publicações em revistas especializadas, buscando delinear diferentes modos de entender a palavra relacional. Terenzi apresenta as três principais acepções identificadas por Eacott e mostra como, dentro desse panorama complexo, ele reivindica que sua perspectiva integra de modo crítico diferentes tradições, desenvolvendo uma posição original. Para afastar-se do substancialismo e também do essencialismo,



Eacott defende que o foco das pesquisas seja as atividades organizacionais em lugar de priorizar as organizações como entidades e, também para escapar de possíveis reificações, argumenta que a própria conceituação de relação deve ser evitada. Debruçando-se sobre as especificidades dessa posição, Terenzi demonstra como a riqueza dos pontos de reflexão propostos pelo autor esbarra em sua escolha por evitar a semantização dos conceitos mais importantes que utiliza, deixando em aberto a pergunta sobre como esse paradoxo poderá ser conciliado em sua obra.

No capítulo XII, Pierpaolo Donati analisa relações entre humanos e entre humanos e robôs tomando como referência sua investigação sobre a assistência aos idosos. Provocado pelo contexto da pandemia de Covid-19, o autor se pergunta: “as tecnologias robóticas podem ajudar os idosos e seus familiares a manterem uma certa relacionalidade entre si?” (p. 313, tradução nossa). Sua tese, validada pela pesquisa empírica, é que as relações inter-humanas possuem qualidades e propriedades causais específicas diferentes daquelas entre humanos e robôs. Os robôs não podem substituir as relações humanas e, para Donati, a pandemia mostrou, de maneira dramática, a importância das relações: ao mesmo tempo que sem relações, o vírus não existe, é somente nas / com / através das relações que é possível enfrentá-lo. Reconhecendo que isso impactou diretamente a assistência aos idosos, Donati examina brevemente a fenomenologia das relações entre as pessoas no contexto pandêmico, mostrando as possibilidades e limites dessa realidade. Evidencia também como a distância física não coincide com a distância social (do ponto de vista qualitativo) e como esse distanciamento não poderia significar a renúncia à nossa humanidade e aos sentidos existenciais que sustentam a vida. A tecnologia entra nessa questão promovendo um certo tipo de relação que, dependendo de sua apropriação, traz benefícios ou malefícios.

A partir daí, Donati analisa os modos como e até que ponto a tecnologia robótica ajuda os idosos e respeita a dignidade humana, evidenciando que, embora o robô pareça um amigo, ele não o é, por sua incapacidade de dar sentido e, portanto, relacionar-se humanamente com os idosos. Mostrando os pontos fortes e fracos, e as oportunidades e ameaças da tecnologia robótica, confronta as proximidades e radicais diferenças entre as relações inter-humanas e entre idosos e robôs. Trata-se de uma caracterização complexa e muito bem fundamentada, sobre a qual recomendamos uma leitura atenta. Em síntese, embora haja possibilidades interessantes ofertadas pelos robôs, o grande problema é que eles não são capazes da reciprocidade relacional que garante o respeito pleno e a dignidade humana do idoso. Por outro lado, em diálogo com a



teoria das capacidades de Sharkey, Donati discorre sobre como a dignidade do idoso pode ser preservada e promovida nas relações efetivamente humanas. Por fim, ancorando-se em sua perspectiva relacional, traz reflexões originais extremamente pertinentes sobre como utilizar a tecnologia como ocasião para favorecer relações propriamente inter-humanas e cuidar para que as nossas relações, enquanto realidades *sui generis*, sejam adequadas às suas potencialidades de promoção da humanidade, respeitando a dignidade dos idosos e os cuidados que justamente merecem.

Contemplando o conjunto de discussões, podemos atestar que os autores alcançam o objetivo pretendido com a obra, seja por apresentarem rigorosamente variadas vertentes que se definem como sociologias relacionais na atualidade, seja - principalmente - por demarcarem com clareza o que as distingue da teoria relacional da sociedade tal como proposta por Donati. Nesta coletânea o leitor é brindado a um só tempo com uma cuidadosa introdução ao cenário contemporâneo do campo e com um acirrado debate no qual os autores convidam a uma tomada de posição a partir dos argumentos que defendem.

Em suma, com uma linguagem clara, rigor na apresentação dos teóricos debatidos e cuidadosa argumentação sobre cada escolha epistemológica, teórica e metodológica, a obra se apresenta como leitura instigante não só a cientistas sociais, como também a estudantes e professores da psicologia e demais ciências humanas interessados em conhecer a sociologia relacional realista, suas disputas e perspectivas de desenvolvimento. Para os interessados em dar prosseguimento ao estudo dessa abordagem, infelizmente, ainda há poucas publicações dos autores em língua portuguesa, em que se destaque o obra *Família no século XXI: abordagem relacional* (Donati, 2008a) disponível no país graças ao empenho de seu tradutor, o sociólogo Giancarlo Petrini, e do grupo de pesquisa por ele liderado na Universidade Católica do Salvador - UCSAL. Isto, não obstante, não impede o acesso à sua vasta produção, em parte disponível em portais de periódicos de acesso livre. Outro caminho possível é acessar obras publicadas no país que se debruçam sobre aportes da perspectiva donatiana para a sociologia em geral (Vandenberghe, 2017), sociologia da família (Fornasier, 2018; Petrini & Moreira, 2020), interculturalidade (Clérico, Leite & Gaspar, 2020; Mahfoud & Gaspar, 2013), bem comum (Paglione, Iorio & Cataldi, 2021), dentre outros.

Podemos então voltar à questão inicial sobre as contribuições deste volume para a psicologia brasileira e constatar a pertinência da perspectiva relacional para o desenvolvimento de teorias e pesquisas não reducionistas, capazes de conceber a complexidade do humano que se constitui sempre em relações situadas em contextos específicos. Tal complexidade pode ser adequadamente

contemplada na medida em que se compreende a relação social como um fenômeno emergente, com características próprias, marcado a um só tempo pela interação social (com seus valores e metas) e pela estrutura social (com seus meios e normas).

Soma-se a isto a importância de continuamente clarificar as consequências da adoção de abordagens construcionistas em oposição à potencialidade da perspectiva realista relacional. Embora poucas apropriações do realismo crítico tenham sido realizadas na América Latina³ (Vandenberghe, 2014), internacionalmente cresce nas ciências humanas e sociais o reconhecimento da fecundidade desse caminho que propõe uma alternativa consistente ao positivismo e ao pós-modernismo (Pilgrim, 2020). Esperamos que a presente resenha possa contribuir para que esse caminho continue se alargando também no Brasil.

Referências

- Clérico, G. M., Leite, R. V., & Gaspar, Y. E. (2020). Diversidade cultural e igualdade humana: uma nova classificação de perspectivas interculturais do século XX. *Memorandum*, 37, 1-35. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2020.14927>
- Dépelteau, F. (Org.). (2018). *The Palgrave handbook of relational sociology*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Donati, P. (1986). *La famiglia nella società relazionale: nuove reti e nuove regole*. Milano: FrancoAngeli.
- Donati, P. (Org.). (1994). *Manual de sociologia de la salud*. Madrid: Diaz de Santos.
- Donati, P. (Org.). (1996). *Sociologia del terzo settore*. Roma: Nis.
- Donati, P. (1999). *La ciudadanía societaria*. Granada: Universidad de Granada.
- Donati, P. (2001). *Il lavoro che emerge: prospettive del lavoro come relazione sociale in una economia dopo-moderna*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Donati, P. (2008a). *Família no século XXI: abordagem relacional* (G. Petrini, Org. e Trad.) São Paulo: Paulinas.

³ Há menção ao realismo crítico em publicações da psicologia brasileira, remetendo à escola europeia de psicologia social crítica fundada por Ian Parker, a qual se inspira tanto na obra de Bhaskar quanto no marxismo (Portugal et al., 2012).

- Donati, P. (2008b). *Oltre il multiculturalismo: la ragione relazionale per un mondo comune*. Roma-Bari: Laterza.
- Donati, P. (2011). *Relational Sociology: a new paradigm for the social sciences*. London- New York: Routledge.
- Donati, P. (2015). Manifesto for a critical realist relational sociology. *International Review of Sociology*, 25(1), 86-109. <http://dx.doi.org/10.1080/03906701.2014.997967>
- Donati, P. (2019). The digital matrix and the hybridization of society. Em I. Al-Amoudi & E. Lazega (Org.). *Confronting the Matrix* (pp. 67-92). London: Routledge.
- Donati, P. (Org.). (2022). *La teoria relazionale nelle scienze sociali: sviluppi e prospettive*. Bologna, Italia: Il Mulino.
- Emirbayer, M. (1997). Manifesto for a relational sociology. *American Journal of Sociology*, 103(2), 281-317. <https://doi.org/10.1086/231209>
- Fornasier, R. C. (2018). Memória e família na Sociologia de Pierpaolo Donati e na Antropologia de Francesco Botturi. *Memorandum*, 35, 100-114. Recuperado em 30 out. 2023, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6889/4424>
- Forni, P., & Castronuovo, L. (2022). Más allá de la agencia versus la estructura: el "giro relacional" en las ciencias sociales. Em P. F. Forni & A. M. Bialakowsky (Org.s). *Por unas Ciencias Sociales Relacionales: investigaciones y enfoques contemporáneos* (pp. 9-22). Buenos Aires: Universidad del Salvador.
- Mahfoud, M., & Gaspar, Y. E. (2013). Centralidade da experiência e da relação social para a compreensão do encontro inter-religioso na realidade brasileira. *Interações: Cultura e Comunidade*, 8, 362-379. <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2013v8n14p362>
- Moreno Barreneche, S. (2020). Sentido, relaciones e interacciones. Intersecciones entre el pensamiento relacional y la sociosemiótica. *Andamios*, 17(44), 15-37. Epub 27 de septiembre de 2021. <https://doi.org/10.29092/uacm.v17i44.788>
- Paglione, L., Iorio, G., & Cataldi, S. (2021). A natureza relacional do bem comum: elementos para uma lógica da partilha na terceira revolução industrial. *Novos Rumos Sociológicos*, 9(15), 15-37. Retirado em 07 nov.



2023, de
<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/sociologicos/article/view/3603>

Petrini, G., & Moreira, L. V. C. (2020). Relações familiares. Em L. V. C. Moreira & G. Petrini (Orgs.). *Relações e políticas familiares* (pp. 27-49). Belo Horizonte: Dialética.

Pilgrim, D. (2020). *Critical realism for psychologists*. New York: Routledge.

Portugal, F. T., Boechat, F., Gonçalves, M. A., & Pizzi, B. (2012). Algumas aproximações entre psicologia social e marxismo. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(1), 47-60. Retirado em 07 nov. 2023, de <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/840>

Vandenberghe, F. (2014). O marmemoto do Realismo Crítico. *Teoria e Cultura*, 9(1), 8-30. Retirado em 09 nov. 2023, de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12204>

Vandenberghe, F. (2017). A relação como operador mágico: superando a divisão entre sociologia processual e relacional. *Sociologia & Antropologia*, 7(2), 341-370. <https://doi.org/10.1590/2238-38752016v722>

Nota sobre os autores

Roberta Vasconcelos Leite é doutora em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora adjunta da Faculdade de Medicina do Campus JK e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br

Yuri Elias Gaspar é doutor em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professor adjunto da Faculdade Interdisciplinar de Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br

Data de submissão: 20.11.2023

Data de aceite: 30.12.2023